Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP

CMUHE037591

ROVERI, Andréa. Há um ano Campinas perdia o velho Pachola: ele marcou a vida boêmia e folclórica num bar que leva seu nome. A Tribuna, Campinas, 06 abr. 1997.

Há um ano Campinas perdia o velho Pachola

Ele marcou a vida boêmia e folclórica num bar que leva seu nome

Álbum de família

"Ele deve ter encontrado uma cadeira cativa no céu", murmura Wilson Garcia, aos 51 anos, enquanto olha para cima, como se quisesse ultrapassar o espaço que os separa. Com os olhos cheios de saudade, o sobrinho de uma das figuras mais populares de Campinas aprecia as mesas dispostas em um dos boxes do Mercado Municipal como se olhasse através do tempo enquanto conta uma das muitas histórias que marcaram a presença de Ermínio Garcia, o saudoso *Pachola*, entre os mortais.

"Às 6 horas de um domingo, um camarada encostou no balcão, pediu uma dose de pinga e uma vela emprestada. Falou para o *Pachola* acender a vela e tomou mais três doses de pinga. Na hora de ir embora, saiu com a vela na mão tomando o maior cuidado para a chama não apagar. O *Pachola* protestou: 'Você não vai pagar?' E o rapaz respondeu: 'Pode deixar que essa ninguém paga", se referindo erradamente à vela, enquanto *Pachola* falava da conta.

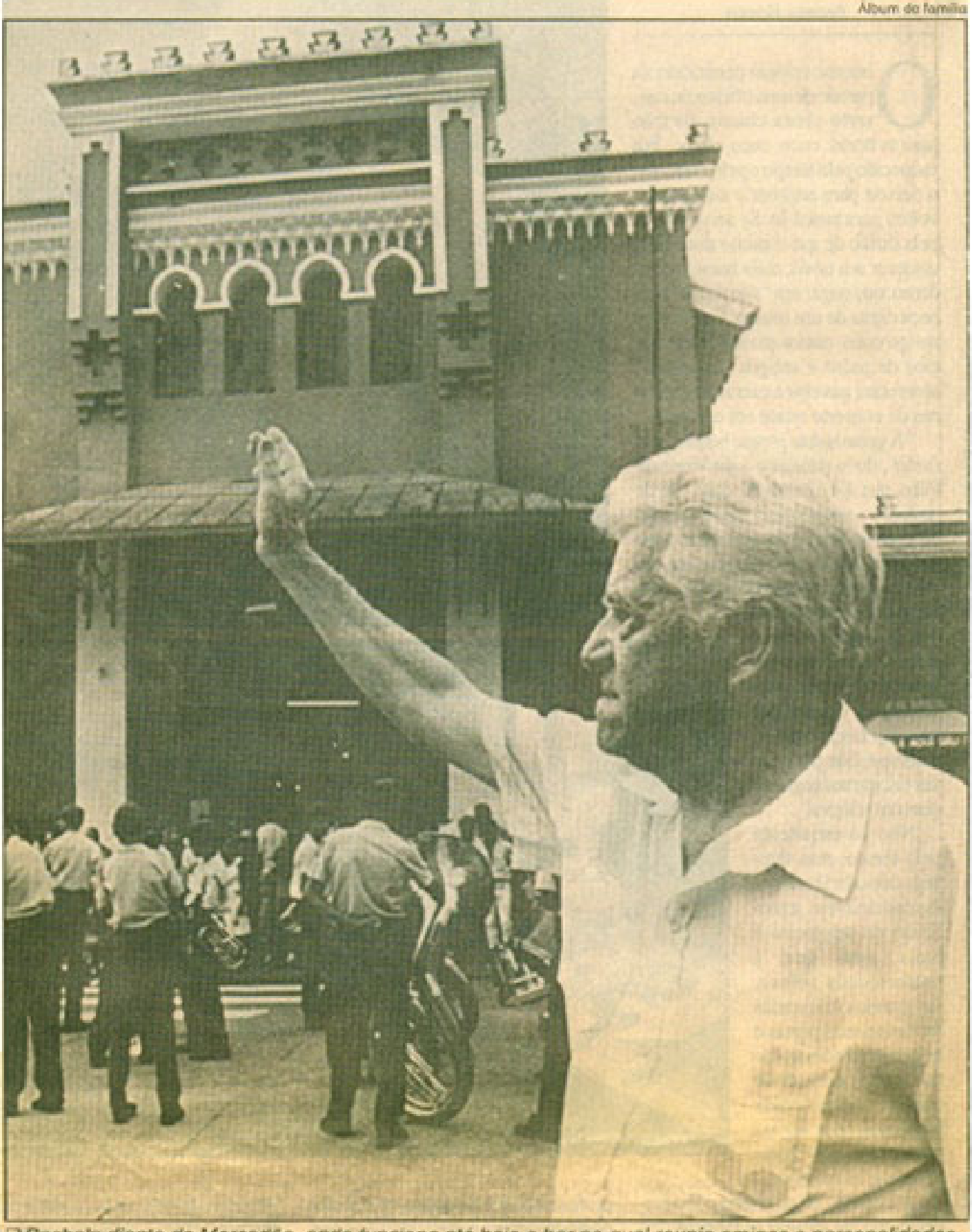
Quando o bar Ideal acabou, continua o sobrinho, *Pachola* e outros quatro amigos compraram outro bar e deram para três ex-funcionários do Ideal: o Mossoró, o Faca e o Tota que chamaram o local de Faca Bar, ainda famoso. "Em troca, eles exigiram um desconto de 10% nas contas. Estou falando em 10 e não em 100%. Ele não era mesmo maluco?", conta, sorrindo, outra proeza do tio.

Um ano depois da morte de *Pachola* (ele faleceu no dia 4 deste mês), o sobrinho Wilson e seu filho, Flávio Matheus Garcia, mantêm a mesma característica do atendimento simpático e receptivo na intenção de imortalizar o bom e velho tio. Quem chega sempre encontra um petisco para saborear sem pagar, cortesia que *Pachola* não dispensava fazer. "Ele nunca cobrou de quem não podia pagar. Dava almoço de graça para as pessoas, mas não vendia fiado. Dizia que, se desse, a pessoa teria vergonha de pedir novamente, enquanto que a promessa de pagar a conta um dia só ia dar prejuízo", lembra Wilson Garcia, que trabalhou com o tio desde os seis anos.

O cardápio, à base de picadinho, costela de boi, bucho, moela e pirão de peixe, é o mesmo preparado pelo próprio *Pachola* há 78 anos - o bar é um dos mais antigos de Campinas. "Isso aqui vai durar eternamente. Vai passar de geração a geração", diz o sobrinho, apostando no neto de apenas dois anos, que já freqüenta o bar com os pais.

Médicos, advogados, políticos, jornalistas, músicos, trabalhadores braçais, gente que se acostumou ao olhar manso e às boas histórias de *Pachola*, ainda hoje fazem parada quase obrigatória no bar, pelo menos uma vez por semana. "Tem gente que é tão assídua que, quando não aparece, a gente fica preocupado pensando: será que está doente, teve algum problema na família?". São nomes conhecidos até internacionalmente, como o atual ministro dos Esportes, o eterno Rei do Futebol, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. "Passou tanta gente por aqui que nem me lembro mais", diz Garcia. Amizade, *Pachola* cultivou todas. Não tinha inimigos e quem se aproximava dele logo se tornava amigo do peito. Se tivesse se candidatado a vereador seria um dos mais votados da história da cidade, afirmam os conhecidos. E convites para isso não faltaram. Mas ele sempre fazia questão de dizer: "Se eu fosse desonesto, seria político." Morreu dono de bar.

Álbum da família



Pachola diante do Mercadão, onde funciona até hoje o bar no qual reunia amigos e personalidades